

LETRAMENTO ACADÊMICO, AUTORIA E ALTERIDADE: UM OLHAR SOBRE O (O)OUTRO DA ESCRITA¹

Elzira Yoko UYENO

*Departamento de Ciências Sociais e Letras
Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada
Universidade de Taubaté – UNITAU*

Resumo

Estatuto do (O)outro na constituição daquele que escreve é o objeto desta reflexão. Menções a dificuldades na redação da dissertação por mestrandos em Linguística Aplicada constituíram o problema deflagrador do estudo. Sob a hipótese de que as interrupções mencionadas eram determinadas por razões que transcendiam as de ordem textual, analisaram-se discursos desses alunos com o objetivo de compreender a natureza dessas dificuldades. Analisando discursos relativos ao letramento acadêmico, o estudo em relato se guia pelo último Foucault e pelo último Pêcheux e, por conseguinte, por Lacan, como archotes iluminadores. Mais especificamente, a partir do pressuposto de que o sujeito é, inelutavelmente, sujeito da ideologia e do inconsciente, uma vez que somos constituídos na e pela linguagem, analisam-se os processos de constituição do autor. Assumir esse pressuposto implica considerar “processos de subjetivação” (Foucault) e “processos de identificações” (Lacan) do indivíduo que se realizam por meio da linguagem e, por conseguinte, da escrita. Resultados da análise demonstram que suas menções a dificuldades de escrita se devem ao caráter contínuo da constituição do autor, dada a (in)tangibilidade da escrita, uma vez que constituída do outro e do Outro.

Palavras-chave: alteridade, discurso, outro; Outro; escrita acadêmica.

ACADEMIC LITERACY, AUTHORITY AND ALTERITY: A LOOK AT THE (O)OTHER OF THE WRITING

Abstract

(O)other nature in their influence on who writes is the subject of this paper. Applied Linguistic Post Graduation courses students complain about difficulties in writing their academic compositions were the starting point of this research. Moved by the hypothesis that those complains result from others problems than textual, this research analysed their discourses. Focusing academic literacy discourses, this research uses the last Foucault, and the last Pêcheux, in consequence, Lacan, as main supporters. From last Pêcheux, this paper takes his assumption that the subject is, always, the subject of ideology and, at same time, the subject of unconscious. Taking these assumptions means considering “subjectivations process” and “identifications processes” which realize by the means of language, in consequence, by writing. The discourses, as analyzed under French perspective Discourse Analysis, have shown the authors’ successive process of formation, because of the writing (un)tangibility, since it is formed by other and by Other.

Key Words: author; discourse, other; Other; academic writing.

¹ Uma versão preliminar deste estudo foi apresentado no Seminário de Análise do Discurso em 2005 sob o título “A morte do autor e a hermenêutica de si: a aporia fundante da escrita orientada sob suporte virtual”.

EL AUTORÍA Y ALTERIDAD: UNA MIRADA ACERCA DEL (O)OTRO DE LA ESCRITA

Resumen

El estatuto del (O)tro en la constitución de aquello que escribe es el objeto de esta reflexión. Menciones acerca de dificultades en redactar tesis por alumnos de máster en Lingüística Aplicada constituye el problema deflagrador del estudio. Bajo la hipótesis para la dificultad en la actividad de la escrita trasciende las dificultades meramente textuales, este estudio se consagró al análisis del discurso de esos estudiantes con el objetivo de comprender la naturaleza de esas dificultades. Balizándose por el último Foucault y por el último Pêcheux, por consiguiente, por Lacan, este estudio emprende el análisis del discursos relativos al letramiento académico. Mas precisamente, bajo la presuposición de que el sujeto es, ineluctablemente, sujeto de la ideología e del inconsciente, porque somos constituidos en/ y por la lenguaje, fuerán analizadas procesos de constitución del autor. Aceptar esa presuposición implica considerar procesos de subjetivación (FOUCAULT) y procesos de identificaciones (LACAN) del individuo que se realizan por medio de la lenguaje y, como tal, de la escrita. Los resultados del análisis emprendido muestran que sus menciones a dificultades en la actividad de la escrita tienen origen en la naturaleza continua de la constitución del autor, en virtud de la (in)tangibilidad de la escrita, porque constituida del otro u del Otro.

Palabras clave: autor, discurso, otro, Otro; escrita académica.

1. INTRODUÇÃO

Para além da evidência irretocável de que a escrita constitui a atividade que confere ao homem o estatuto de sujeito da cultura e, considerando a abrangência que sua pesquisa suscita, este estudo procede ao enquadramento na análise do estatuto do autor na sua relação estabelecida com o (O)outro os quais o constituem, a partir da proposição de um olhar discursivo sobre a escrita.

Focalizando o discurso pedagógico, com vistas a contribuir para a formação do professor, este estudo congrega outros (UYENO, 2004, 2005 a, b; 2006; 2007 a, b, c, d; 2008 a e b) que se guiam pelo último Foucault e pelo último Pêcheux e, por conseguinte, por Lacan, como archotes iluminadores. Mais especificamente, a partir dos pressupostos de que o “sujeito é sempre e, ao mesmo tempo, sujeito da ideologia e sujeito do desejo inconsciente” e de que isso se deve ao “fato de nossos corpos serem atravessados pela linguagem antes de qualquer cogitação” (HENRY, 1992, p.188), os estudos analisam os processos de constituição daquele que escreve. O empreendimento ora em relato ajusta o sistema óptico no autor, uma vez que, enquanto aquele que escreve, o autor se constitui pelos outros que lê e pelo Outro que o constitui: em verdade, o autor é aquele que (in)escreve.

Assumir o autor sob essa ótica implica considerar os “processos de subjetivação” (Foucault) e os “processos de identificações” (Lacan) do indivíduo, processos esses que se realizam por meio da linguagem e, como tal, da escrita. Da consideração dos processos de subjetivação de imputação foucaultiana que permite pensar a tangibilidade do discurso e, da consideração dos processos de identificações de postulação lacaniana da intangibilidade do discurso, decorre a necessária admissão da (in)tangibilidade do discurso.

Menções a dificuldades na tarefa de redigir suas dissertações por mestrandos em Lingüística Aplicada deflagraram o presente estudo. O estranhamento imediato certamente é o de que essas menções advinham de mestrandos da área de línguas, o que levaria à presuposição de domínio da escrita. Considerando-se, ainda, que constituíam alunos que haviam passado pela experiência da redação do texto acadêmico em curso de especialização de leitura e produção textual, além de terem concluído as disciplinas do curso de mestrado que requerem a redação de monografias, a hipótese para essas menções foi a de que elas se referiam a aspectos que transcendiam às meramente técnicas.

Assim, analisar os discursos de mestrandos em Lingüística Aplicada, em fase de redação de dissertação que diziam respeito à menção de dificuldades encontradas na atividade de redação da dissertação, buscando entender a natureza dessas dificuldades, constituiu o objetivo específico do estudo em relato. Congregar, despretensiosamente, dispositivos analíticos que possam permitir a abordagem dos aspectos tangíveis e dos intangíveis constitutivos da produção escrita, sob a perspectiva discursiva de

orientação francesa, em sua explicitamente interdisciplinar terceira fase que reconhece a prevalência psicanalítica da linguagem, constituiu o outro objetivo da reflexão em proposição.

No primeiro momento, discorre-se sobre a constituição do autor na relação com o outro; no segundo, sobre a constituição do autor na relação com o Outro e, por fim, um corpus constituído de excertos de discurso que remetem à autoria para efeito de análise.

2. O OUTRO NOS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO DAQUELE QUE ESCREVE

A referência à autoria remete, necessariamente, a Foucault. Mencioná-la sob a reflexão empreendida por Foucault implica considerar o outro que implica, por sua vez, admitir a alteridade e a heterogeneidade do autor. Essa dupla implicação se encontra na base etimológica da palavra outro, uma vez que, se tomada como derivada do termo latino *altèru* de *alter, èra, èrum*, significa *um outro, outrem* e, também, *outro, diferente*; se tomada como derivada do termo grego *halter(o)*, de *héteros, a, on*, significa *outro, diferente*: daí a alteridade, a heterogeneidade do autor.

Considerar o autor sob a orientação foucaultiana requer a consideração de processos sócio-histórico e, portanto, ideológicos de engendramento do sujeito o que implica considerar processos de subjetivação.

Os processos de subjetivação se constituem de duas formas: pelos modos de objetivação que engendram os sujeitos, por um lado, e pelas maneiras por meio das quais o indivíduo se constitui como sujeito de sua própria existência, por outro.

Atribui-se a uma parcela considerável da produção intelectual de Foucault uma preocupação genealógica do poder, cujos estudos promovem um deslocamento na forma tradicional com que se considera a biopolítica ou política do corpo vivente. Não mais pensando o poder como centralizado e aniquilador daqueles que o detêm sobre aqueles que dele são desprovidos, Foucault imputa-lhe uma positividade e uma produtividade, no sentido de que o poder transforma corpos amorfos em corpos adestrados, disciplinados, dóceis, produtivos para o capitalismo. Fazem parte dessa fase de estudos genealógicos do poder a obra "Vigiar e Punir: a história do nascimento da prisão" (1975/1984²), cuja preocupação constituiu a análise dos processos sócio-históricos de submissão do corpo ao confinamento em espaços destinados à observação do delituoso para se obter seu disciplinamento. Na obra "Nascimento da Clínica", Foucault (1963/1994) preocupou-se com o isolamento do indivíduo doente, objetivando a proteção dos sãos, em espaços de controle pelo Estado, cujo olhar produziu o saber médico. Em "História da Loucura", o autor (1972/1997) imputa uma determinação sócio-histórica, portanto, ideológica da classificação do indivíduo louco, portanto da verdade psiquiátrica. Esses estudos levam o autor à postulação de uma relação entre o poder e o saber, no sentido de que o exercício de poder sobre um indivíduo produz um saber sobre ele. Daí se falar na subjetivação foucaultiana como produto do exercício de poder: a subjetivação considerada sob essa análise, constituiria dos processos de objetivação do indivíduo.

Nessa fase genealógica do poder, seus estudos se estendem à escrita, cujas reflexões tornaram Foucault conhecido como o filósofo que imputou à atividade da escrita um labor da morte, dada a sua postulação do desvanecimento daquele que escreve na própria escrita: o autor e, como tal, aquele que assinava o que escrevia e, assim, atestava o seu teor de verdade, na Idade Média, desvanece, a partir da aurora da modernidade, na própria escrita, por se constituir mero *foyer* de outros autores. "O que é um autor (1991/2004b), se não aquele que cita outros autores" é a pergunta que se fez o filósofo e se tornou o título da obra que o eternizou como o postulador da morte do autor. A escrita, assim, é constitutivamente heterogênea, no sentido de que contém outros. Ainda com referência aos controles biopolíticos do indivíduo que se estenderam aos discursos desse que é controlado, em sua conferência de abertura de curso no Colège de France a qual se tornou conhecida pela publicação como "A Ordem do discurso" (1971/1994), Foucault postula os sistemas de determinação de verdade e de exclusão do discurso. O outro na autoria, nessa fase foucaultiana, é da ordem do poder que controlava, normatizava os discursos.

Entretanto, em sua inquieta e profícua produção intelectual, em seus estudos ulteriores e inacabados, Foucault desloca seu olhar da preocupação sobre o que o poder faz do sujeito para o que o sujeito faz do que o poder faz dele. Embora esse sujeito se vislumbrasse sob a sua percepção de que o poder não era localizado e nem tampouco hierarquizado e se constituía de uma rede de poderes relacionais, ele ganha estatuto

² Em todas as referências ao autor, a primeira data se refere à da edição original e a segunda à da tradução brasileira.

privilegiado nas últimas obras que se preocuparam com uma “Hermenêutica do Sujeito” (1981-1982/2006). A percepção desse deslocamento o havia levado à postulação de que o ponto em que o poder é exercido é, também, o ponto de produção de poder. Esse deslocamento se ilustra de forma exemplar na obra “História da Sexualidade I, vontade de saber” (1976/1993) na qual congrega a análise do exercício de poder sobre a sexualidade pelo incitamento do indivíduo a confessar tudo sobre a sua intimidade ao qual denominou de dispositivo da confissão; descobre, entretanto que, ao confessar tudo sobre si, esse indivíduo confessando tem acesso a aspectos que se lhe escondem.

Especificamente no que diz respeito à escrita, ao falar sobre a própria experiência como autor, Foucault admite a insurgência, no ato da escrita, de aspectos da escrita que se lhe escondiam. Consta, também, dessa fase de estudo, a reflexão sobre a constituição do sujeito pelo exercício da escrita, a partir da atividade da leitura, das *hypomnêmatas* ou anotações e posterior resgate delas, no ato da escrita, reflexão esta que se tornou conhecida pelo artigo que se intitulou “A Escrita de Si” (1991/2004).

Nesse terceiro Foucault, que passara pela arqueologia do saber e pela genealogia do poder, o filósofo se dedica à subjetividade enquanto tecnologia do eu, aos modos pelos quais o sujeito faz de si mesmo a partir de suas experiências. Nessa fase, o outro na constituição do autor é da ordem daquele que tem papel ativo nessa experiência de si consigo mesmo.

Há, pois, em Foucault, processos coletivos de subjetivação, uma vez que sócio-histórico, e, portanto, ideológico, no sentido de que só é possível se falar de subjetivação a partir da objetivação do sujeito, e processos individuais de subjetivação, no sentido de que o indivíduo encontra, nesse processo de objetivação, formas de se construir. Tratando-se, em Foucault, de uma subjetividade da ordem da história e de uma autoria da ordem do outro, pode-se pensá-las como um processo contínuo, daí o sujeito e o autor se constituírem de processos de subjetivação.

3. O OUTRO NOS PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÕES DAQUELE QUE (SE) INSCREVE

Um projeto de escrita que ambiciona uma abrangência analítica que contemple o atravessamento da opacidade do discurso, requer a admissão do Outro na constituição do autor, o que implica considerar a subjetivação lacaniana a qual se faz por processos de identificações.

Mencionar os processos de identificações implica considerar o conceito de identificação e, para se manter dentro dos limites a que se propôs esta reflexão, a noção de identificação sob o ponto de vista lacaniano. Falar do ponto de vista lacaniano, por sua vez, implica assumir um sujeito do inconsciente, a partir do postulado fundador de que o inconsciente se estrutura como linguagem. Analisar discursivamente um texto e seu autor requer a admissão do corolário de que, “se o inconsciente está estruturado como uma linguagem, essa estrutura se revela pelo escrito” (MELLONI, 2006, p. 216).

Abordar essa noção de identificação requer, como adverte Nasio (1995, p. 95), a precaução de não se cometer a remissão ao uso corrente da palavra identificação, que a reduz a um esquema muito simples que considera duas pessoas, A e B, ligadas por uma relação de identificação, e essa relação se estabelece por uma transformação, por identificação, de uma pessoa A – já consistentemente estabelecida – em B, do que se conclui que “A adota os traços de B; A identifica-se com B”.

Em psicanálise, a relação identificatória se lhe opõe, produzindo uma subversão ao sentido corrente, por não a considerar como um processo que ocorre entre duas pessoas, mas em uma única pessoa, no campo do inconsciente, que se estrutura em linguagem: a identificação tem lugar entre duas instâncias inconscientes. Na elaboração freudiana da identificação, embora se conservem os termos A e B, assim como a transformação de um em outro, subvertem-se suas bases, substituindo “relações intersubjetivas por relações intrapsíquicas” (NASIO, 1995, p.99). Lacan radicaliza essa subversão, por não considerar que um termo se transforma no outro, mas que um dos termos cria o outro: a identificação não apenas é inconsciente, não apenas significa engendramento, mas é invertida no sentido de que não é A que se torna B, e sim de que B produz A. Em Lacan, trata-se de uma relação de causação, processo ao qual denomina de “processo de causação do sujeito do inconsciente”: a identificação significa que a coisa com a qual o eu se identifica é a causa do eu, ou seja, o papel ativo desempenhado pelo eu passa a ser desempenhado pelo objeto; o agente da identificação, em síntese, não é o objeto, mas o eu.

A identificação em Lacan designa, assim, a emergência de uma nova instância psíquica – o eu –, denominado por Lacan de Outro, que instaura a categoria da identificação imaginária, além da primeira, a

30

identificação simbólica, que está na origem do sujeito do inconsciente. Eis o estatuto do Outro na constituição do sujeito e, por conseguinte, do autor.

Os componentes da identificação imaginária, de importância para o presente estudo, constituem a imagem que se faz de si e o eu, o Outro. Esse eu, no momento inicial do seu processo da formação – denominado por Lacan como estágio do espelho – é mero esboço que se consolidará em outras experiências imaginárias, não mais globais, mas parciais. A visão global de sua imagem refletida no espelho, impactante para a criança que, até então, via-se como um corpo despedaçado, não mais se repetirá, mas marcá-la-á para sempre.

Os “processos de identificações” dizem respeito a uma busca, sempre por se realizar, desse eu, uma vez que o eu constitui uma nova instância psíquica que se forma no correr das identificações imaginárias sucessivas, a partir da identificação especular, no momento inaugural desse processo.

Se o inconsciente é estruturado como linguagem, há uma escrita da ordem do inconsciente. Para a psicanálise, a escrita ou escritura da letra é uma operação específica da experiência analítica distinta de escritos que são produzidos para serem publicados (VISCO, 2006, p.195); daí Lacan ter nomeado o conjunto de suas aulas que foram transcritas e impressas como “Os escritos”. Essa escrita guarda relação com a letra, mas não no seu sentido inadvertidamente corrente.

A *letra*, no avanço da elaboração conceitual por Lacan, designa a impossibilidade de escrita do real que ela aborda. Essa *letra* se faz acessível pela escuta do texto, a partir das falhas de sentido, uma vez que é em torno delas que a *letra* circula, apontando o lugar do *sujeito*, autor do texto. A falha, o lapso, jamais se produz por acaso, porque se lhe subjaz uma finalidade significante: como há um inconsciente, a falha tende a querer significar alguma coisa que não é somente o que o sujeito sabe. Isso ocorre porque ele reside nessa divisão entre o sujeito que enuncia e aquele que comete a falha.

Assim, o autor comporta o Outro lacaniano, do plano das identificações imaginárias que, como tais, determinam uma busca sempre por se realizar.

4. ANÁLISE DE *CORPUS*

O *corpus* de análise tem como condição de produção do discurso comentários, diálogos, mensagens eletrônicas, trocadas entre mestrandos e a orientadora em programa de Linguística Aplicada, em fase especificamente de redação de dissertação. Para efeito de ilustração deste artigo, elegeram-se para compô-lo dois excertos de discursos de um mestrando em Linguística Aplicada (doravante M1), dos vários analisados. Objetivou-se pelos recortes analisar processos de subjetivação e de identificações pelos quais M1 revela ter passado ao longo de sua tarefa de redigir a dissertação. É oportuno que se mencione que a delimitação no discurso apenas de M1 levou em consideração um registro singular (em seu sentido psicanalítico) que não ocorre habitualmente em situações de orientação.

Tendo sido expostas as condições de produção do discurso no qual se insere esta pesquisa em relato, analise-se um excerto (doravante E) de mensagem eletrônica de uma mestrandia (doravante M), abaixo transcrito:

E1

M.

Oi, professora, tudo bom?

Não remeti a parte que combinamos porque não estou conseguindo escrever. Eu já tinha resenhado o livro e coloquei no capítulo de teoria [O1 se refere ao capítulo de pressupostos teóricos]. Às vezes parece que o texto não é meu. Não sei o que é que está errado.

O mote da mensagem de M1 parece ter sido determinado pela ocupação do lugar que lhe é pré-determinado de mestrando, aquele que se inicia na tarefa de escrever um texto acadêmico e, como tal, ainda não sabe como fazê-lo e toma o orientador como aquele que sabe. Para além desse discurso determinado pelo imaginário discursivo, ocorre, no relato por M1 do processo de cumprimento da incorporação da resenha do livro indicado pela orientadora para compor o capítulo teórico de sua dissertação, um estranhamento em relação ao próprio texto. Esse estranhamento parece comprovar o postulado foucaultiano da morte do autor.

Às vezes parece que o texto não é meu significa o outro em quem preciso fundamentar minha dissertação se sobrepõe a mim, e eu desvanço nesse texto.

A atividade ordinária de orientação de trabalho acadêmico oferece indícios de que o estranhamento com relação ao próprio texto mencionado por M1 é mais recorrente do que se supõe, ainda que se trate de alunos de programa de Lingüística Aplicada e se pressuponha o domínio da atividade de redigir.

A sensação revelada por M1 de que a tarefa de ter de incorporar outrem em seu texto não tenha surtido o efeito que esperava parece comprovar a economia da *hypomnemata*. Tendo sido redigida sem um objetivo específico, o de articular com o corpus de pesquisa de sua dissertação, e tendo sido, assim, meramente “colada” ao corpo de seu texto, a resenha redigida por M1 não cumpre a tarefa de se incorporar ao seu discurso: para que se constituísse um processo de “escrita de si” de postulação foucaultiana que se configura como um processo de subjetivação, M1 teria que ter percorrido a forma linear ou a circular do processo da escrita de si. Mais especificamente, a resenha deveria se constituir meramente uma *hypomnemata* e, como tal, anotações que se fazem a partir da leitura de outros, necessários, porque não se sabe tudo, nem mesmo a respeito de si, sozinho, como adverte Foucault; essas anotações deveriam ser consultadas para subsidiar a análise do seu corpus de pesquisa e, apenas se observada a sua pertinência, deveria compor a sua dissertação. O mero trabalho de compiladora, sem articular o conteúdo do texto lido ao seu corpus de pesquisa, faz de M1 mera copista, não propiciando a dimensão de um processo de subjetivação. Seu processo de subjetivação ocorreria pelo procedimento de uma estratégia pela qual subverteria o modo de objetivação imposto pela ordem do discurso acadêmica e passaria pelo modo de subjetivação pelo qual M1 assumiria uma autoria de seu texto. Parece se revelar, nesse excerto, o outro enquanto o autor consultado que mata aquele que escreve, se ele não procede à subversão dos processos de objetivação a que toda sociedade e, marcadamente a academia, está sujeita. Eis a razão da lamentação de M1: a sensação de seu desvanecimento, no próprio texto que escreve, pelo domínio do outro sobre o seu texto.

Observe-se, em seguida, um excerto de um diálogo estabelecido entre a orientadora e essa mesma mestranda que se confessou impossibilitada de dar prosseguimento à sua tarefa de redigir a dissertação:

E 2.

Orientadora: M1/ você ficou de me enviar uma parte/ mas não a recebi//

Mestranda 1: Não estou conseguindo escrever//

Orientadora: Como assim?

Mestranda 1: Está sendo mais forte do que eu/ não consigo mais escrever//

Orientadora: Me explique melhor.

Mestranda 1: Eu tive/estou tendo uns problemas e fui fazer análise// Acho que é isso/ foi depois que eu comecei a análise/ estou sentindo que não consigo mais descrever.

O primeiro enunciado da orientadora, no excerto de diálogo acima transcrito, remete a um comentário ordinário de uma sessão de orientação de dissertação: um subentendido cronograma de trabalho descumprido pela mestranda 1 e o comentário da orientadora. Não menos ordinário é o teor da resposta da mestranda: todos que são orientados e que orientam têm conhecimento de que ocorrem, ao longo dessa relação acadêmica especial, fases de baixa produtividade determinadas por inabilidades próprias do letramento acadêmico. Dificuldade de articulação entre teoria e análise de dados; problemas no estabelecimento de coerência entre linhas teóricas; inabilidade na eleição de autores e a analisada, no excerto 1, dificuldade em imprimir a própria voz num texto cuja essência é o texto de outrem, constituem as dificuldades mais mencionadas desse processo acadêmico.

O acolhimento da justificativa de M1 pela orientadora se fez pela solicitação de que ela explicitasse a causa determinante de sua interrupção do cronograma. Certamente, a orientadora esperava que sua mestranda mencionasse as dificuldades próprias da atividade de redação do trabalho acadêmico. Entretanto, a ratificação da enunciação da mestranda de que não estava conseguindo escrever se fez por meio de um enunciado incomum, não habitual em circunstâncias escolares e estranhamente limitado à predicação: *está sendo mais forte do que eu*.

Tendo certamente notado que não se tratava de um enunciado da ordem do imaginário discursivo, a orientadora solicitou, por uma segunda vez, uma explicação sobre a interdição de que a orientanda se disse acometida. A essa solicitação, M1 respondeu *Eu tive/estou tendo uns problemas e fui fazer análise//*, uma explicação que foge às inerentes ao cotidiano da relação acadêmica de orientação.

Esse enunciado de M1 rompe explicitamente os limites de uma sessão de orientação acadêmica e o que se lhe segue ganha a dimensão de um enunciado de ordem de uma sessão de análise clínica: *Acho que é isso/ foi depois que eu comecei a análise/ estou sentindo que não consigo mais descrever*.

Não consigo mais descrever revela-se constituir um enunciado da ordem do lapsus linguae ou “erro accidental ao falar”. Esse lapso revela-se configurar como transferência, isto é, como o movimento, como o processo pelo qual as determinações do inconsciente que não são representáveis são reveladas pelas palavras de M1 sob a forma do lapso. Essas determinações, enquanto um saber que escapa ao sujeito, no sentido de que ele o ignora, revelam reger a vida da mestrand¹, a ponto de ela cometer esse *lapsus linguae*, segundo o qual se “descreve” ao redigir o texto acadêmico. Segundo o enunciado que o *lapsus* se deflagra, M1 julga que, depois que começou a se submeter a sessões de análise, sente que não consegue mais descrever, o que significa que, para ela, a atividade da escrita corresponde à análise.

Considerando-se, ainda, que M1 já tivera a dissertação qualificada, sua lamentação se explica como angústia e, como tal, não constitui um mal-estar decorrente de um insucesso, como supõe o senso comum, mas um mal-estar de que venha a se suceder bem e conclua sua dissertação: suceder-se bem implicaria término do processo de identificação e, como tal, colocar-se para além do princípio do prazer que significaria sua morte. O desafio de ter assumido o curso de mestrado não pode se encerrar e terá de ser substituído por outro em um processo de busca, sempre por se realizar, do eu. Eis a irrupção de sua determinação pelo Outro que a constitui.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Resgatem-se os objetivos aos quais se limitou este estudo: entender a natureza das dificuldades mencionadas por mestrandos de Linguística Aplicada em sua tarefa de redigir a dissertação e oferecer, nos limites assumidos para este estudo, dispositivos de análise que permitissem vislumbrar a proposição de análise de fatos pedagógicos ou não relativos à atividade da escrita assumida sob uma perspectiva discursiva.

O archote principal, iluminador dos dispositivos em proposição, constituiu a pressuposição de que somos afetados pela linguagem antes de qualquer cogitação (HENRY, 1992). Desse pressuposto, decorreu a necessária admissão de que o sujeito é afetado pela ideologia e pelo desejo inconsciente que marcam indelevelmente seu discurso e, portanto, sua escrita, uma vez que ele se (in)escreve em seu texto.

Os resultados da análise do corpus levaram à conclusão de que as dificuldades mencionadas pelos mestrandos constituem efeitos de processos de subjetivação e de identificação e, como tais, contínuos, dada a (in)tangibilidade do discurso.

O estudo revelou, assim, a necessidade de se considerarem aspectos sócio-históricos e, portanto, ideológicos da escrita que derivam de dispositivos de “processos de (o)subjetivação” foucaultianos, uma vez que contínuos, nas relações, sempre imaginárias, na vida em sociedade. Revelou, ainda, a necessidade de se considerarem os aspectos imponderáveis da ordem do inconsciente, pertinentes a “processos de identificações” lacanianos, uma vez que sucessivas, nas identificações sempre imaginárias, a partir da especular, no momento inaugural desse processo.

REFERÊNCIAS

- COLUCCI, Vera Lúcia. A angústia e a escrita que se inter/rompe: percalços na escrita do trabalho intelectual. In: Leite, Nina Virgínia de Araújo (Org.) *Angústia: o afeto que não engana*, Campinas: Editora Mercado de Letras, 2006.
- FÁVERO, Ana Beatriz. A Apropriação da linguagem escrita pela criança. In: Mariani, Bethânia (Org.) *A Escrita e os escritos: reflexões em Análise do Discurso e Psicanálise*, São Carlos: Editora Claraluz, 2006.
- FOUCAULT, Michel. (1991) A Escrita de Si. In *Ditos e Escritos* V. RJ: Forense Universitária, 2004 a.
- _____. (1969) O que é um autor? In *Ditos e Escritos* V. RJ: Forense Universitária, 2004 b.
- _____. (1976) *História da Sexualidade I, a vontade de saber*. RJ. Edições Graal, 1993.
- _____. (1969) *A palavra nua de Foucault*. “Folha de São Paulo”, 22 de Novembro de 2004 c.
- _____. (1963) *O Nascimento da Clínica*, Rio de Janeiro., Forense Universitária, 1994.
- _____. (1971) *A Ordem do Discurso*, Edições Loyola, SP, 1996.

- ____ (1972) *História da Loucura*, Editora perspectiva, SP, 1997.
- ____ *Microfísica do Poder*, Machado, R. (Trad. e Org.), Rio de Janeiro: Editora Graal, 1984.
- ____ (1975) *Vigiar e Punir*, história da violência nas prisões. Petrópolis: Editora Vozes, 1991.
- ____ (2001) *A Hermenêutica do Sujeito*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2006.
- LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- MELMAN, Charles. A fobia da Escrita. In: MELMAN, Charles et al. *O significante, a letra e o objeto*. Rio de Janeiro: Editora Cia de Freud. 2004.
- MELLONI, Um discurso que não faz semblant. In MARIANI, Betânia (Org.) *A Escrita e os Escritos*. São Carlos: Editora Claraluz, 2006, p. 215-222.
- MILNER, Jean-Claude. *O Amor da Língua*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1987.
- NASIO, Juan D. *Os 7 conceitos cruciais da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zhar editores, 1995.
- PÊCHEUX, Michel. *Estrutura ou Acontecimento*. Campinas: Pontes Editores, 1990.
- UYENO, Elzira Y. "Blog": o efeito terapêutico como economia do *dispositivo confessional* In: Seminário Internacional Foucault, perspectivas. Clicdata Multimídia Ltda. Florianópolis, SC. 2004.
- ____ *Escrita virtual e subjetividade: uma teleologia ascética*. www.abralin.org/2005 a.
- ____ *A morte do autor e a hermenêutica de si: a aporia fundante da escrita orientada sob suporte virtual* www.discurso.ufrgs.br/sead/2005 b.
- ____ Da autonarração à escrita acadêmica: a constituição da subjetividade do aluno de cursos de especialização. In: CASTRO, S. T.R de e SILVA, E. R. da (Orgs). *Formação do Profissional docente, contribuições de pesquisa em Linguística Aplicada*, Taubaté: Editora Cabral, 2006, p. 263-291.
- ____ Hermenêutica de si mesmo: escrita acadêmica, parrhesia e subjetividade. In: SILVA, UYENO, ABUD (Orgs) *Cognição, Afetividade e Linguagem*, Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2007a, p. 76-94.
- ____ *O mal-estar da escrita: para além do letramento acadêmico, um desejo do outro*, Anales del VII Congreso Latinoamericano de Estudios del Discurso, CDRoom, 2007 b.
- ____ *Dois estranhos que e(in)screvem: o desafio da escrita acadêmica por filhos de imigrantes*, submetido para publicação nos Anais do VII Congresso da Associação Brasileira de Linguística Aplicada, 2007c.
- ____ *Escrita acadêmica, divã e processos de subjetivação*, disponível em: www.discurso.ufrgs.br/sead/trabalhos_aceitos , 2007 d.
- ____ *A escrita e os processos de subjetivação e a Escrita e os processos de identificações*. A ser publicado nos Anais da 1ª JIED, 2008a.
- ____ *A identidade e o ethos na escrita de professores em cursos de especialização: uma escrita (in)tangível de si*. A ser publicado nos Anais da III SIMPOSIAD, 2008b.
- VISCO, Mônica. A escrita da letra e o feminino. In MARIANI, Betânia (Org.) *A Escrita e os Escritos*. São Carlos: Editora Claraluz, 2006, p. 195-204.

Elzira Yoko UYENO

Graduada em Letras pela Universidade de Taubaté (1974), mestra em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (1995) e doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (2002). Atualmente é professor Assistente Doutor na Universidade de Taubaté (Unitau), atuando no Programa de mestrado em Linguística Aplicada, onde leciona, orienta pesquisas e coordena o projeto de pesquisa (CNPq-Unitau) "Subjetividades e Identificações: efeitos de (d)enunciação"; na graduação no Curso de Letras. Atua, também, como professor do Colégio Cassiano Ricardo - Anglo e do Instituto Brasileiro de Tecnologia Avançada. Pesquisa na área de Linguística, com ênfase em Linguística Aplicada, sob pressupostos da Análise do Discurso de perspectiva francesa, do movimento de desconstrução e da psicanálise. Concentra os estudos em ensino-aprendizagem de línguas, formação de professores. na área de Linguística, com ênfase em Linguística Aplicada, atuando principalmente nos seguintes temas: subjetividade, escrita, leitura, formação continuada.